



Nosso Paradigma Cultural

Verdades claras e perfeitas, nenhum homem as vê ou as conhece. Tudo é questão de opinião.
Xenófanes (560-478 a.C.)

No transcurso da história, diferentes sociedades desenvolveram códigos de valores particulares, determinando com essas singularidades, identidades específicas pelas quais as conhecemos. De modo semelhante, nosso tempo é reconhecido pela utilização dos valores denominados “ocidentais e cristãos” como referência para suas leituras da realidade, circunscrevendo com esta nomenclatura, o conjunto de premissas utilizadas para pensar e interpretar o mundo.

O paradigma “ocidental e cristão” foi se constituindo lentamente através de duas vertentes fundamentais. A primeira delas teve suas origens na Grécia do século VI a.C., sendo chamada *ocidental* por haver tido como referência para firmar sua própria identidade, os valores sustentados nas culturas orientais. Nesse sentido, é importante sinalizar que o termo “ocidente” é muito mais que uma designação geográfica qualquer, pois define uma cosmovisão, um particular **estado de espírito** incorporado por uma comunidade.

A segunda vertente introduziu os princípios das tradições sapienciais judaico-cristãs, contribuindo desse modo para que o conjunto dos valores herdados através da razão de Atenas e da fé de Jerusalém conformasse o **Espírito de Ocidente**, origem da identidade cultural que nos qualifica, assim como o modo pelo qual interpretamos, avaliamos, sentimos e pensamos a realidade do mundo.

As fantásticas qualidades dessas duas vertentes alicerçaram o progresso espiritual e material das inúmeras culturas que compõem a Civilização Ocidental, mas não obstante suas virtudes inegáveis, em diferentes momentos da história, tanto a razão quanto a fé se excederam nas áreas de suas competências, exigindo obediência absoluta para suas respectivas leituras da realidade¹.

As conseqüências da utilização abusiva da razão e da fé respectivamente, produziram **falsas idéias de progresso** e **crenças mal assimiladas** propiciando o aparecimento de “racionalismos” e “sacerdotalismos²”, gêneses de conflitos infindáveis.

O racionalismo pode ser definido como a tendência de inferir que os discursos construídos pela razão são as únicas explicações possíveis e aceitáveis sobre a realidade e o mundo. O sacerdotalismo, por sua vez, é a conseqüências de substituir os valores da fé por crenças históricas, dando maior destaque aos aspectos exteriores da religiosidade em detrimento da interioridade e da espiritualidade.

Algumas considerações sobre as “falsas idéias de progresso”

Há duas coisas infinitas: o universo e a estupidez humana.
Enquanto ao universo não tenho certeza.
Einstein

Um exemplo ilustrativo sobre o contínuo “progresso” da humanidade poderia ser avaliado pelo número de pessoas mortas durante diferentes conflitos bélicos:

¹ E como continua acontecendo até os dias de hoje.

² Ou “clericalismos”

Do século I ao século XV foram mortas quatro milhões de pessoas.

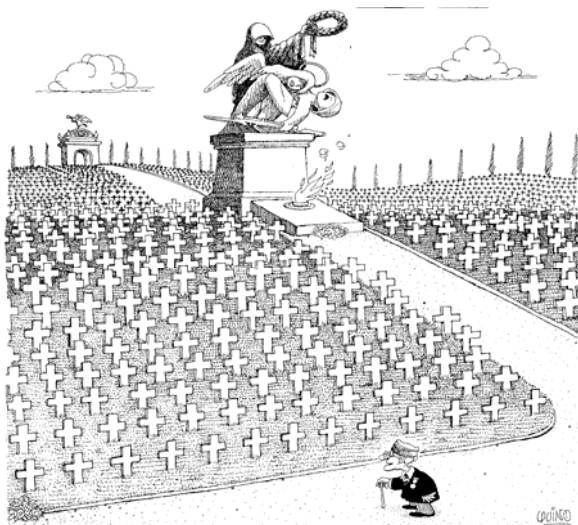
No século XVI, dois milhões.

No século XVII, seis milhões.

No século XVIII, sete milhões.

No século XIX, 19 milhões.

No século XX, 111 milhões (até agosto de 2000).



Num cenário de guerras, quase guerras, mini-guerras e guerras secretas, foram semeadas minas terrestres na proporção de uma por cada cinquenta habitantes e as grandes potências possuem arsenais suficientes para destruir o planeta, desmerecendo qualquer crédito outorgado a racionalidade, conseqüentemente ao progresso.

Jacques Derrida³ manifestando sua preocupação pelo mau uso da inteligência, afirmou que deveríamos multiplicar os esforços para “salvar a honra da razão”, no sentido de impedir sua manipulação para justificar o injustificável das guerras.

Desiludido com o mau uso da racionalidade, Paul Valéry⁴ escreveu: “...Sem dúvida foi preciso muita ciência para matar tantos homens, dissipar tantos bens e aniquilar tantas cidades em tão pouco tempo”, considerando que “eram dois os perigos que ameaçavam o mundo: a ordem do racionalismo que impõe sua ditadura, tanto quanto a desordem que o dilui”.

Hannah Arendt⁵ observando a utilização da razão como algo totalmente desligado de qualquer instância superior a ela mesma, afirmou que vivemos tempos em que “os maus perderam seus temores e os bons, suas esperanças”, argumentando que pelo fato de participarmos duma sociedade de massas, delegamos nossas responsabilidades individuais para um coletivo impreciso e medíocre. Segundo ela, quando os avanços tecnológicos não estão acompanhados por avanços semelhantes no campo da ética, se transformam em **regressos**, de tal modo que razão e progresso não são necessariamente sinônimos. A racionalidade, quando mal utilizada, age como uma sombra tenebrosa que obscurece a inteligência, provocando fontes de violência, terror e coerção. O imagético da guerra justa, as brutalidades perpetuadas em nome da paz, da “batalha final”, os estados de exceção, entre muitos outros, são alguns exemplos dos mecanismos pelos quais à violência se perpetua.

Walter Benjamin⁶, expressando seu desconforto ante o pseudo-progresso escreveu: “Existe um quadro de Klee⁷ chamado *Angelus Novus* representando um anjo que parece querer afastar-se de algo que encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra no céu e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso”.

³ Filósofo argelino desconstrutivista. (1930-2004)

⁴ Pensador e poeta. (1871-1945)

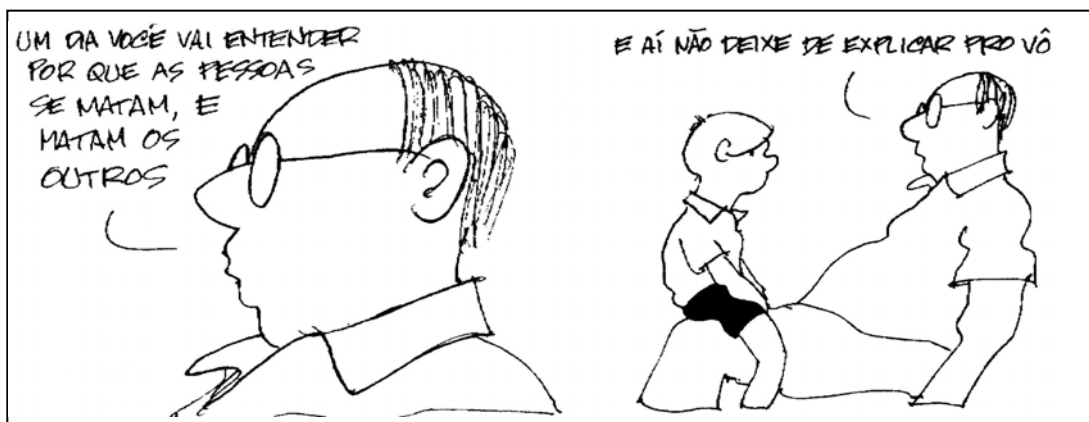
⁵ Filósofa contemporânea. (1906-1975)

⁶ Filósofo, crítico literário e ensaísta. (1892-1940)

⁷ Paul Klee, pintor alemão nascido em Suíça de estilo abstrato. (1879-1940)

Herbert Marcuse⁸ em *Cultura e Psicanálise* escreveu: “Há dois tipos fundamentais de conceito de progresso que caracterizam o período moderno da civilização ocidental. De acordo com um deles, o progresso é definido quantitativamente, devendo se entender por progresso o desenvolvimento que possibilitou o aumento dos conhecimentos e as capacidades humanas em seu conjunto, visando à dominação da Natureza. O resultado dessas iniciativas foi o aumento das necessidades humanas e também dos mecanismos para satisfazê-las. A questão que permanece em aberto é se esse progresso contribui igualmente para o aperfeiçoamento humano possibilitando uma existência mais livre e feliz. A esse conceito quantitativo de progresso chamado de *técnico* podemos opor-lhe o conceito qualitativo, tal como foi elaborado nas filosofias idealistas (...) Nelas, o progresso consiste na realização da liberdade humana e da moralidade, sendo que a própria consciência da liberdade incita a uma ampliação da *liberdade*. O resultado do progresso, neste sistema, consiste na humanização progressiva dos homens, no desaparecimento da escravidão, do arbítrio, da opressão e do sofrimento. (...)”

Por outro lado, existe uma conexão íntima entre o quantitativo e o conceito qualitativo do progresso, em vista que o conhecimento de técnicas parece ser condição de todo avanço humanitário. Dito com outras palavras, a ascensão da humanidade pressupõe o progresso técnico, isto é, um alto grau de domínio da natureza por meio do qual as necessidades humanas podem ser satisfeitas de maneira cada vez mais completas. No entanto, o progresso técnico não leva automaticamente ao progresso humanitário. Para uma correta avaliação, precisaríamos saber de que modo a riqueza social é repartida e a serviço de quem são empregados os crescentes conhecimentos adquiridos”.



Veríssimo - Estadão

Algumas considerações sobre as “crenças mal assimiladas”

Nunca encontrei um único caso – em pessoas com mais de trinta anos – em que o problema não tivesse suas raízes numa questão religiosa mal resolvida.

Carl Jung

As perturbações do mundo se devem a que há cristãos demais e selvagem a menos.

Nietzsche

A má assimilação dos valores da fé se manifesta nas tendências fideístas⁹ da modernidade, tendo como consequência o uso da religião como um adorno exterior, ou como uma crença de conveniência. Na maioria dos casos, a identidade religiosa dos “fieis” é consequência da manutenção de uma herança histórico-cultural e o termo “religião” costuma ser utilizado para circunscrever práticas ritualísticas que obedecem ao sentido expresso pela palavra latina *religare*, isto é, na função de re-ligar, de voltar a unir o que está separado. (O Céu e a Terra, Deus e os homens, o espírito e a matéria, etc.).

⁸ Sociólogo e filósofo alemão pertencente à Escola de Frankfurt. (1898-1979)

⁹ Do latim *fide*, fé. Anteposição da fé aos argumentos que constrói a razão.

No entanto, desde um ponto de vista **transcendentalista**¹⁰, qualquer pretensão de unir o Ser com o Não-ser, o finito com o infinito, o tempo com a eternidade, o contingente com o necessário, o aparente com o absoluto, etc., beira o mais completo dos absurdos. Por outro lado, desde um ponto de vista **imanentista**¹¹, não há nenhuma necessidade de unir o que nunca esteve separado, sendo esta, uma tarefa totalmente inútil.

Utilizando o bom conselho de “julgar as árvores pelos frutos que produzem”, as páginas da História testemunham o fracasso sistemático das religiões em unir ou religar o que for, pelo contrário, são exemplos de fragmentação e de dissidências infundáveis¹².

Cícero¹³, dissentindo da definição clássica dada ao termo, afirmou que o termo “religião” teria sua origem na palavra **religare** como antônimo de **negligenciare**, (negligenciar) delimitando o conjunto de obrigações que em nenhuma circunstância se deveria negligenciar.



Quino

Parafraseando Ortega y Gasset seria lícito dizer: “Eu sou eu e minhas crenças...”, pois são elas que, chegando através de outras gerações, contribuem para construir os valores e as condutas que nos definem.

No entanto, quando essas crenças apenas existem para o conforto psicológico, geralmente se transformam em fatores de exclusão e de conflito com outras crenças, anulando o crescimento espiritual.

O sentimento de crise

*Se a miséria da nossa pobreza for devida,
não às razões da natureza mas de nossas instituições, grande é nosso pecado.*

Charles Darwin

No sentido mais comum, a palavra “crise” significa declínio, desgaste, conflito, perda de energia, decadência, no entanto, não é um termo novo. Desde Heráclito até Cícero, de Agostinho até Maquiavel, de Vico a Nietzsche, e deste último até o presente, a palavra continua sendo pronunciada de modo repetitivo.

Não é difícil constatar que a maioria dos juízos feitos sobre a sociedade e o mundo estão acompanhados pela desagradável sensação de dolo, de dilaceramento, de inquietude, de tormento coletivo, de viver tempos difíceis.

¹⁰ Considera o mundo sobrenatural como a extrema realidade e o natural como uma mera ilusão destinada ao nada.

¹¹ Considera que a divindade está presente em todas as coisas visíveis e invisíveis.

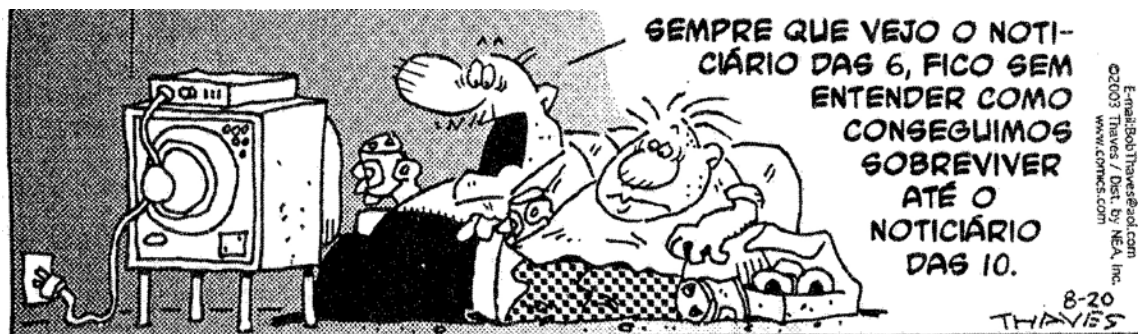
¹² A título de exemplo, na atualidade há mais de 1400 igrejas cristãs, todas elas autodenominadas “certas, autênticas e verdadeiras”.

¹³ Marco Túlio Cícero, filósofo romano, 106-46 a.C.

Quando se verifica que as implícitas “promessas de felicidade” propostas pelas religiões, ciências e filosofias não se realizam, provocam desconforto existencial. Dada a enorme e desagradável distância que separa o que cada indivíduo é capaz de idealizar dos fatos concretos, as crises se instalam como indesejáveis acompanhantes em cada capítulo da vida.

Por outro lado, a capacidade de imaginar em todo momento, circunstâncias melhores às vividas, são reveladoras da grandeza do espírito humano, definido pela não aceitação passiva das contingências do destino, imaginando constantemente alternativas superiores que geram a necessidade de produzir mudanças corretivas nos rumos individuais e coletivos.

As crises, a título de exemplo, são avisos dolorosos que requerem atenção e cuidados pertinentes. Assim como a dor de um dente é um aviso que pode nos levar a tomar providências e salvar o dente, as dores da alma podem “salvar” a existência. Quando atendidas convenientemente, cominam a revisar as premissas com as quais se interpreta o sentido da vida.



Faz 2500 anos atrás, Confúcio ensinava que: “Se o indivíduo está mal, estará mal sua família; se as famílias estão mal, estarão mal as províncias. Quando as províncias andam mal, estará mal o Estado, se o Estado está mal, a sociedade toda encontrará dor e inquietação. Mas, se o indivíduo estiver bem, as famílias também estarão bem. Estando bem as famílias, assim estarão as províncias. Estando bem as províncias, o Estado também estará bem, então os homens encontrarão a felicidade e o progresso”.

Mas, como fazer para que os indivíduos estejam bem? Em vista de reiteradas experiências históricas, poderia se assinalar que de nada valem as mudanças externas quando não se desenvolvem ao mesmo tempo mudanças internas. Nesse sentido, o socrático “Conhece-te a ti mesmo” continua em plena vigência, sendo de extrema necessidade para poder dizer **quem é que está em crise**.

Num segundo momento, seria conveniente ponderar que não existe um método único, idêntico e válido para todas as pessoas. Cada indivíduo deve realizar sua singularidade pelo caminho que lhe é próprio.

Por último, é imprescindível tomar consciência de que viver significa **estar** no humano. Nesse entorno, cada indivíduo não é apenas ele mesmo, ele participa dos outros, e de um modo misterioso carrega consigo uma parte dos que vivem, dos que já viveram, e ainda, dos que virão.



“O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Não há princípio que não seja desmentido nem instituição que não seja escarnecida. Já não se crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas idéias aumenta a cada dia. A ruína econômica cresce, cresce, cresce... A agiotagem explora o juro. A ignorância pesa sobre o povo como um nevoeiro. O número das escolas é dramático. A intriga política alastra-se por sobre a sonolência enfastiada do país. Não é uma existência; é uma expiação. Diz-se por toda a parte: O país está perdido!”

A crise vista por Roberto Damatta¹⁴ em 2007

O enfraquecido otimismo do “progresso contínuo” prometido para o século XX, o fracasso do “céu que seria construído na terra”, volta a ser vigoroso no alvorecer do século XXI. Um novo messianismo ressurge transvestido nas promessas da globalização financeira. Finalmente, todas as mazelas serão derrotadas pelo neoliberalismo capitalista. No entanto, o que já se entrevê, é a Terra deixando de ser mãe generosa para ser a propriedade privada de Estados nacionais e de companhias multinacionais. O planeta inteiro devastado pela nova religião do consumismo está dividido entre dois blocos representativos do bem e do mal, isto é, entre ricos e pobres, entre liberdade e submissão, entre “nosso” Deus e o “deles”, deixando em todo lugar, o rasto inigualável da morte e da destruição reinando absolutamente.



Caro leitor: o que costumeiramente chamamos de civilização também está constituído por fatos que negam os valores herdados através da razão de Atenas e da Fé de Jerusalém. Quiçá seja tempo de renunciar à clássica definição aristotélica que agrupava todos os seres humanos como sendo de “natureza racional”, reconhecendo apenas que nossa espécie faz esporádicos usos da racionalidade, mas não o faz sempre, nem continuamente.

Um dos elementos distintivos da cultura Ocidental e Cristã é refletir sobre o que se refletiu, “prestando contas” sobre a lógica de nossas atitudes e comportamentos. O comportamento racional se caracteriza pela disjunção, isto é, dividindo em duas partes o que se examina, para determinar as diferenças entre os componentes, ajustando oposições, procurando o divergente e o coincidente, impondo a análise¹⁵ das questões apresentadas.

¹⁴ Roberto DaMatta, antropólogo e colunista de jornal.

¹⁵ Do grego, *análisis*, dividir, separar, desagregar em partes.

A espécie humana é a única capaz de dividir as coisas em boas e más, isto é, de escolher e outorgar um valor as coisas que examina por distinções que ela mesma cria¹⁶. No entanto, pelo fato que toda vez que se consegue cortar a cabeça de uma pergunta, no lugar nascem duas, no século II a.C., Pirro e Carneades de Cirene¹⁷, afirmaram que não há como chegar a qualquer conhecimento definitivo sobre nada. Continuamente, a Vida troca às respostas por novas perguntas e assim como as crenças religiosas constroem discursos racionais para dar suporte a seus dogmas teológicos, do **mesmo modo**, a razão constrói suas crenças.

A título de exemplo, quando Arquimedes diz: “Dai-me um ponto fixo e moverei o mundo”, esta questão hipotética sugere que não é impossível mover o mundo, mas isso “oculta” a impossibilidade de se encontrar um único ponto fixo, num Universo em que tudo flui. Assim, a aparente “solução” lógica traz consigo outras questões que se constituem nos infindáveis labirintos da razão.

Para pensar I

Para onde nos leva o progresso?

O Estado de São Paulo, 8 de Janeiro de 2005

Excesso de conhecimento e técnica - que costumamos atribuir ao progresso - pode significar, paradoxalmente, a debilidade de nossa orgulhosa civilização global. Nietzsche fala do homem como um animal em contínuo acabamento, através da produção de cultura. Diante do relâmpago, em alguns milênios ele foi capaz de passar da oração ao pára-raios. A técnica inventou maravilhas na eletrônica, no transporte e na comunicação. Mas também nos tornou dependentes de próteses sem as quais não sabemos mais viver.

Na Antiguidade grega a filosofia competia com a arte da tragédia. Platão não podia apreciar a tragédia, pois a sabedoria dessa arte consistia em deixar certas coisas na penumbra. Afinal, para os platônicos, só se chega à tragédia por insuficiência de conhecimento e lógica. No entanto, não teria Édipo vivido melhor sem conhecer seu terrível passado? O mito de Prometeu fala que ele trouxe o fogo ao homem, possibilitando sua escalada cultural. Na versão de Eurípides, porém, os homens ficavam inativos em suas cavernas porque conheciam a hora de sua morte. Prometeu resgatou-lhes o esquecimento, permitindo que - ainda que soubessem que iriam morrer - ignorassem quando. Além de livrá-los daquele paralisante conhecimento, deu-lhes o fogo para ajudar a florescer seu espírito de trabalho.

Na verdade, filósofos contemporâneos como Rüdiger Safranski e Roger Shattuck se perguntam até que ponto o homem pode afastar-se de sua primeira natureza por ação da cultura, sua segunda natureza, sem entrar em oposição autodestruidora com a primeira. A tecnologia, por exemplo, permitiu transformar nosso potencial agressivo numa força destruidora do equilíbrio econômico e ambiental do planeta, gerando a sensação da angústia de um potencial catastrófico de dimensões globais, que tem como agente o próprio homem. Se, de um lado, não podemos negar os benefícios da difusão contemporânea das ciências e da medicina no prolongamento da vida humana, o excesso de tecnologia abala o delicado sistema de proteção que envolve a psique humana. Antes, o ocorrido em lugar distante tinha tempo de revestir-se com interpretações e elaborações. As notícias da queda da Bastilha e do trágico terremoto de Lisboa foram sabidas meses após em outros países.

Hoje, tudo é instantâneo Mas como bem lembra Safranski, “quem se dirige depressa demais a qualquer lugar não está em nenhum lugar”. Quando terminavam longas marchas a pé, os primitivos da Austrália sentavam-se por algumas horas para dar tempo à alma de chegar. Em outros tempos, viajar era uma experiência da qual se retornava transformado. Hoje, parece que ficamos no mesmo lugar. A mobilidade global uniformiza aeroportos, hotéis, redes de lanchonetes e outdoors. O local também se pasteuriza em global. Próximo e distante se mesclam,

¹⁶ O Bem e o Mal, tal qual são concebido pelos juízos da razão, não existem na Natureza.

¹⁷ Ambos, filósofos cépticos.

as coordenadas individuais de espaço e tempo se perturbam. O cenário global de ameaças, --o aquecimento global, a manipulação genética, a propagação da AIDS, a camada de ozônio ou o equilíbrio dos fundos de pensão-- tudo invade nosso mundo imediato, crescendo dramaticamente a distância entre nossa intimidade com o global e nossas possibilidades de atuação. O superego freudiano parece insignificante em comparação com esse outro imenso superego que nos responsabiliza diretamente pelo futuro do planeta.

Antigamente, sacerdotes e ideologias nos ajudavam a suportar essa situação. Hoje, sobram-nos o esoterismo vazio e os contraditórios especialistas globais. Uns provam que o homem é responsável pelo aquecimento global, outros garantem que não; uns dizem que telefone celular pode causar câncer e problemas de DNA; outros juram que é bobagem. O mesmo para os efeitos a médio prazo dos alimentos transgênicos e dos raios X. Enquanto isso, John Abramson, conceituado médico americano professor de Harvard, denuncia as manipulações da indústria farmacêutica para induzirem a população a consumir remédios desnecessários e que podem fazer mal.

Agora nossa vida depende totalmente das próteses tecnológicas. Um médico não mais diagnostica sem sofisticados equipamentos que, por custarem muito caro, inviabilizam os planos de saúde da maioria. O indivíduo não sabe mais viver sem telefone celular e Internet. Temos saídas? Usando as antigas metáforas das florestas, há que criar clareiras na mata. Os gigantes de Giambattista Vico moravam em bosques cerrados até que terríveis relâmpagos abriram um claro; com um pedaço de céu aberto, puderam começar a se integrar na cultura.

Em *Discurso do Método*, Descartes dá o sábio conselho ao viajante que se perdeu na floresta: caminhe sempre em linha reta; por mais longa que seja a direção, em algum momento você se livrará dela.

Hoje a segunda natureza do homem é que se transformou numa densa floresta e o processo se inverte; para sobreviver e não se tornar totalmente dependente o homem precisa manter-se crítico e lúcido: ao mesmo tempo em que abre constantemente clareiras para poder respirar, deve manter um senso de direção que lhe permite achar uma saída. O segredo está em utilizar os aparatos tecnológicos com inteligência, mas nunca transformar-se em escravo deles. Só poderemos aproveitar das tecnologias com sabedoria se soubermos viver sem elas; e se - na contramão do globalismo - soubermos cultivar menos rapidez, espaço para o capricho, sentido do local, capacidade para desconectar e para não estar sempre de prontidão. Em suma, cercados pelo bosque do progresso, temos de manter um olhar no claro do céu.

Gilberto Dupas é coordenador geral do Grupo de Conjuntura Internacional da USP, presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais e autor, entre outros livros, de *Tensões Contemporâneas entre Público e Privado*. Editora Paz e Terra.



Mais uma vez, caro leitor: é importante participar, refletir, dialogar em torno das experiências da vida, manter aceso o discernimento e criar antídotos contra o que nos desumaniza e retarda a existência de uma cultura comprometida com a convivência, com a legitimação da diversidade e o espírito da solidariedade.

As diferenças no sentir, no pensar e no querer fizeram deste, nosso tempo, a era das grandes conquistas tecnológicas, mas também de ansiedade e de mal-estar existencial.

O que chamamos de progresso está muito mais perto de uma lógica de poder, que de uma demanda de universalidade, corroborando que os avanços cognitivos não são proporcionais ao progresso da sociedade.

Sem dúvidas que seria prazeroso estar enganado e poder dizer que o foi sinalizado não é verdadeiro, como gostaria a razão, atenuando sua responsabilidade, ou afirmar “que Deus escreve certo por linhas tortas” como gostaria a fé.

A partir do momento em que os homens foram “expulsos” da terra pelos excessos da transcendência, e também do céu pelo materialismo existencialista, restou-lhes viver acudados em si mesmos. Sem conseguir transitar com a segurança de outrora pela terra do sensível, nem pelos caminhos de esperança que oferecia o céu, o solipsismo (estar só consigo mesmo) é o único refugio possível.

Generalizando, as religiões se transformaram em crenças que retiram as poucas alegrias do mundo, “celebrando” rituais que proclamam a ausência da divindade, jamais sua presença. E a pesar do termo *religare* com o qual ornam seus dogmas, não unem absolutamente nada. Os cemitérios para cada confissão de fé, provam quem nem na morte conseguem unir a grande família humana.

Por sua vez, a razão excedida, teima em justificar o injustificável, por exemplo, dividindo o mundo com linhas imaginárias chamadas “fronteiras, nacionalidades, raças, condições sociais excludente, etc.”, todas elas permeadas por práticas predatórias e suicidas.

Esses dois excessos (racionalismos e clericalismos) provocaram o envolvimento das inteligências com as grandes mentiras, muito mais que com as grandes verdades. Agora, como já não sabemos o que perdemos, tampouco sabemos que devemos procurar, isto é, sabemos cada vez mais e somos cada vez menos.

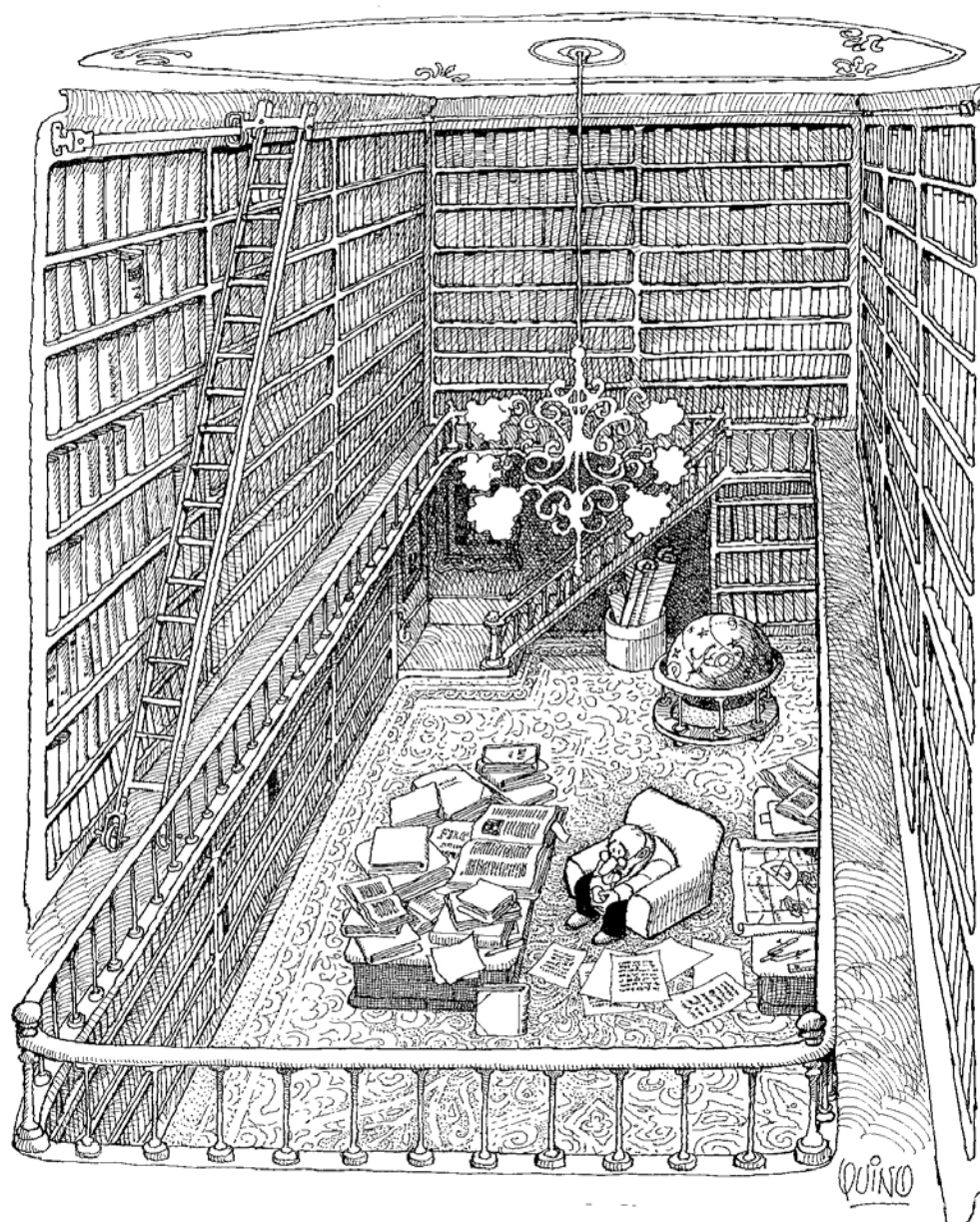
Questionar o monopólio do saber por parte dos “profissionais” e dos “religiosos” principalmente quando se percebe que ambos são incapazes de suportar divergências em relação a seus pontos de vista é um corajoso passo na conquista do saber filosófico.

Fale destes temas com sua família, seus colegas de escola, de trabalho, de clube, no bar, ao final, todos somos bons interlocutores daquilo que enobrece. Transite pelo caminho do novo, mas sem deixar de rever o momentaneamente esquecido. É importante entender a impossibilidade de abrir mão da racionalidade, mas também não alimentar a esperança ingênua suscitada por prováveis “iluminismo”. Razão, sim! Sem extremismos. Fé, sim! Quando esta palavra signifique a promoção da piedade, da compaixão, da confiança na Vida, isto é, quando o ensinado e aprendido é praticado.

Só é bom o conhecimento que nos torna melhores. Sócrates

Para pensar II





E agora que sei tudo isto, que?

Bibliografia

O Ocidente e sua sombra, Gilberto de Mello Kujawsky, Letraviva, São Paulo, 2002

A Crise da Razão, vários autores, Companhia das Letras, São Paulo, 1996

Ilustrações: *Ex libris Estadão* e Quino.